

12/02/2019 - 05:00

Fernão Bracher, o bancário que virou banqueiro

Por **Cyro F. Andrade**

De bancário a banqueiro. Possibilidade incomum, aconteceu com Fernão Botelho Bracher, que morreu na segunda-feira, aos 83 anos, em decorrência de complicações associadas a uma queda.

Formado em direito na Universidade de São Paulo em 1957, estendeu seus estudos em cursos nas faculdades de Freiburg e de Heidelberg, na Alemanha, nos dois anos seguintes. Voltou ao Brasil e trabalhou como advogado associado no escritório de José Martins Pinheiro Neto, de 1960 a 1961. Terminava aí sua experiência na advocacia, para logo dar início à carreira que o levaria a posições destacadas no sistema financeiro nacional, nas áreas pública e privada.



Bracher ocupou a presidência do BC de agosto de 1985 a 11 de fevereiro de 1987, nove dias antes de o Brasil declarar a suspensão dos pagamentos da dívida externa

Formado em direito na Universidade de São Paulo em 1957, estendeu seus estudos em cursos na Alemanha

Primeiro, foi diretor do Banco da Bahia e de outras instituições do grupo Mariani Bittencourt, de 1961 a 1973. No ano seguinte, aceitou convite para ser diretor da área externa do Banco Central (na presidência de Paulo Hortêncio Pereira Lira), e lá permaneceu até 1979. Voltou ao setor privado em 1980, como vice-presidente da seguradora Atlântica Boa Vista, que então se juntara ao Bradesco. Do ano seguinte a 1985, foi vice-presidente executivo do Bradesco e diretor das demais empresas do grupo comandado por Amador Aguiar.

Nesse ponto, a antiga amizade com Luiz Carlos Bresser-Pereira iria interferir no trajeto que Bracher vinha percorrendo. Razões vinham de longe. Quando fazia o curso secundário no Colégio Bandeirantes, em São Paulo, Bracher integrou a Juventude Estudantil Católica, movimento a que Bresser-Pereira também se filiara. Iniciaram uma amizade que os manteria próximos na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e que mais tarde se estenderia às relações familiares, ele padrinho de uma filha de Bresser-Pereira e o amigo, padrinho de um filho seu.

A entrada no mundo dos banqueiros deu-se com a fundação do banco BBA, em associação com Antônio Beltran Martinez

Foi, então, por indicação de Bresser-Pereira, na época integrante do governo de Franco Montoro, em São Paulo, e figura influente junto à cúpula do PMDB, que Bracher aceitou ocupar a presidência do Banco Central em agosto de 1985, no princípio da gestão de Dílson Funaro no Ministério da Fazenda de José Sarney.

Bracher tinha uma visão da gestão da economia, a começar pela própria formulação de políticas, que, em certa medida, coincidia com ideias defendidas pelo amigo Bresser-Pereira. Assim, entendia que, ao contrário do estabelecido em interpretações mais comuns, o Brasil sempre esteve apto a administrar questões externas, financeiras ou de comércio, com significativa autonomia em relação aos países centrais, sem prejuízo de compromissos inerentes à globalização. Era um modo de ver de sentido nacionalista, pode-se dizer, próximo do ideário que Bresser-Pereira construiu e que desaguaria nos fundamentos intelectuais do chamado "novo-desenvolvimentismo".

"Fernão Bracher prestou inestimáveis serviços ao Brasil, tanto no Banco Central quanto nas suas várias atividades no setor privado", Ilan Goldfajn, presidente do BC

"Nosso problema é ter as políticas, o modelo certo", disse Bracher em entrevista com Yoshiaki Nakano e José Márcio Rego, que resultou em depoimento publicado no livro "Em Busca do Novo - O Brasil e o Desenvolvimento na Obra de Bresser-Pereira" (Ed. FGV / 2004). Contudo, ressaltou adiante, "o modelo nunca reproduz com exatidão a realidade". Será necessário um certo refinamento: "Ao modelo feito com todo rigor lógico e científico deve ser acrescentada a interpretação, com base no bom senso e sensibilidade do país [no sentido, pode-se presumir, de lhe conhecer as peculiaridades] e das expectativas passíveis de serem criadas". Em outras palavras: "Temos de usar tudo o que sabemos e mais alguma coisa, que é o que faz da economia uma política".

É conhecida a história do fracasso da política populista que Sarney imprimiu como marca de sua presença no Palácio do Planalto, posição a que chegara empurrado pela circunstância da morte de Tancredo Neves. Procurou, então, compensar a falta de prestígio eleitoral com acenos à possibilidade de conter a inflação desenfreada, problema que, governo após governo, o país não conseguia resolver. Ao mesmo tempo, a questão da dívida externa iria agravar-se, por consequência de razões externas e também como resultado do próprio Plano Cruzado, peça central numa tentativa de estabilização que se revelaria desastrosa.

"O Brasil perde um homem de negócios à frente do seu tempo. Seu exemplo de lucidez e coragem de enfrentar os problemas deixa lacuna relevante, que não será preenchida", Luiz Carlos Trabuco Cappi, presidente do conselho de administração do Bradesco

Bracher deixou a presidência do Banco Central em 11 de fevereiro de 1987, nove dias antes de o Brasil declarar a suspensão dos pagamentos dos juros da dívida externa. Francisco Gros assumiu o cargo no mesmo dia. Bresser-Pereira aceitou substituir Dilson Funaro, que se demitira, e assumiu a Fazenda em abril. Não pôde contar com o apoio integral do presidente, de que precisava para aplicar seu plano de enfrentamento das duas questões, a interna e a externa. Saiu em dezembro. Bracher o acompanhava, desde julho, como consultor especial para assuntos da dívida externa.

"Saí porque queria aumentar os juros, e não me deixaram", lembrou Bracher em entrevista publicada na "Folha de S.Paulo" em abril de 2005. "Estávamos com uma inflação crescente, o Plano Cruzado tinha fracassado e era necessário recorrer aos instrumentos clássicos de contenção monetária, que é o aumento da taxa de juros, com o que o governo não estava de acordo. Depois é que eu fiquei sabendo que isso foi mero pretexto, pois eles queriam fazer uma moratória política, com a qual eu, evidentemente, não teria concordado."

Enquanto esteve na presidência do Banco Central e foi negociador da dívida externa, Bracher conseguiu um acordo com os credores, que seria apenas transitório. Um acerto definitivo só seria alcançado anos depois e formalizado em julho de 1993. (Seu relatório sobre as negociações que conduziu está na "Revista de Economia Política", volume 8, número 4, de outubro de 1988, órgão do Centro de Economia Política, fundado e presidido por Bresser-Pereira.)

"Com sua competência e uma visão única do mercado, Bracher contribuiu de forma decisiva para a construção de um setor sólido e eficiente, seja em sua passagem pelo serviço público, no Banco Central do Brasil, quanto na iniciativa privada", Sérgio Rial, presidente do Santander Brasil

A entrada no mundo dos banqueiros deu-se com a fundação do banco BBA, resultado da associação entre Bracher e Antônio Beltran Martinez (como ele, também ex-vice-presidente do Bradesco) e o Creditanstalt, um dos maiores bancos austríacos. Certamente, o currículo de ambos foi fundamental para que os austríacos investissem nessa iniciativa em que os brasileiros entraram com recursos emprestados pelos futuros sócios.

As primeiras operações do novo banco foram realizadas na acanhada sede da rua Líbero Badaró, no centro velho de São Paulo, em agosto de 1988. Passados 14 anos, o BBA, já então o maior banco de investimentos do país, foi absorvido pelo Itaú, que pagou declarados R\$ 3,3 bilhões por 95,75% do capital total. O Itaú BBA, hoje parte do grupo Itaú Unibanco, tornou-se o maior banco de investimentos e atacado da América Latina.

Candido Botelho Bracher, um dos filhos de Fernão, seguiu os passos do pai. Foi vice-presidente superintendente e assumiu o comando do Itaú BBA em 2005, quando o pai foi para o conselho de administração e passou a se dedicar a investimentos concentrados, em boa parte, na área educacional. Desde 2017, Candido é o presidente do Itaú Unibanco.

"Com relevante atuação nas áreas econômica, social e cultural, Fernão Bracher contribuiu incansavelmente para a melhoria da qualidade da educação pública", Todos pela Educação

No ano passado, o Itaú BBA obteve US\$ 84 milhões em comissões na área de banco de investimentos, ficando atrás apenas do Goldman Sachs, de acordo com levantamento da empresa de pesquisas Dealogic. "O banco do Bracher", como muitas vezes ainda era chamado, foi líder em fusões e aquisições em 2018, atuando em negócios que movimentaram US\$ 23,4 bilhões. Em mercado de capitais, foi o terceiro colocado no ranking de renda variável e o segundo em distribuição de títulos de renda fixa.

Depois que se afastou do dia a dia do banco, em 2005, Fernão Bracher passou a se dedicar à educação. Fez parte do Comitê Executivo da Associação Parceiros da Educação e era presidente do Instituto Acaia.

Bracher esteve entre os doadores de recursos que viabilizaram a fundação do Partido Novo e que apoiava, portanto, seu programa baseado em preceitos liberais clássicos. Nessa área, certamente não tinha nada em comum com o amigo Bresser-Pereira.

Foi casado com Sonia Maria Sawaya Botelho Bracher, sua namorada da adolescência, que morreu em março de 2015, aos 78 anos. Tiveram cinco filhos: Beatriz, Eduardo, Elisa e Carlos, além de Candido. Fernão deixa também 15 netos e três bisnetos.